

Quem sou eu: narrativas e auto-representação das travestis no Orkut

Aline Soares Lima
allineso@hotmail.com

Programa de Pós-graduação em Cultura Visual-FAV/ UFG

Profa. Dra. Rosana Horio Monteiro
rhorio@gmail.com

Programa de Pós-graduação em Cultura Visual-FAV/ UFG

Resumo:

As representações têm o poder de instituir e assegurar a permanência de certos regimes de verdade, fundamentando um olhar sobre o mundo e moldando a percepção e a compreensão dos indivíduos sobre grupos e fenômenos sociais. Tendo em vista que as representações dominantes e que circulam nos espaços oficiais são construídas a partir de discursos hegemônicos, torna-se importante investigar em que sentido, espaços alternativos para circulação de narrativas e representações construídas desde o ângulo do Outro surgem como formas de contar outras versões de realidade. A Internet, em seus mais variados ambientes de sociabilidade coletiva, se configura como um desses espaços e, nesse sentido, as narrativas visuais e textuais publicadas pelas travestis no Orkut se constituem como auto-representações imbuídas de discursos que podem tanto romper como reiterar o discurso dominante e a hegemonia heteronormativa.

Palavras-chave: visualidades, auto-representação, travestilidade.

Abstract: The representations have the power to establish and affirm the permanence of certain truth systems, building a view about the world and shaping the perception and comprehension of individual about social groups and phenomenals. The most known representations which circulate in official places are built with hegemonics speech, so that, is important to study in which way, alternative places for the circulation of narratives and representations build since the angle of the Other emerge as forms off felling another reality versions. The Internet, in its most ambient of collective sociability, configures itself as one of this places and, in this way, the visual and verbal narratives publish by travesties in Orkut constitute itself as self-representations full of speeches that can break up but also reiterate the hegemonic speech and heteronormative hegemony.

Keywords: visualite, self-representations, travestite.

Uma etnografia em campo virtual

Os fenômenos culturais e sociais que se constituem na Internet, entre outros fatores que surgem conectados à rede e seus ambientes de sociabilidade virtuais, são propulsores de questionamentos e problematizações. O ciberespaço se configura como uma tecnologia produtora e mediadora de imagens e representações visuais de indivíduos e grupos sociais, e surge como um terreno fértil para pesquisas acadêmicas, sobretudo, pela importância que o meio adquiriu nas sociedades pós-industriais, com seus arranjos e especificidades e em plena efervescência tecnocultural.

A Internet, com suas possibilidades e desdobramentos, se localiza entre o extremo de uma previsão futurística e sua banalização pelo uso cotidiano, como nos aponta Christine Hine (2000) ao problematizar o surgimento das novas tecnologias e suas influências para o campo

social, cultural e científico. Percebida como um fator de ruptura com as formas tradicionais de comunicação e interação, a Internet inaugura um novo ambiente na esfera das relações humanas, na medida em que as relações que se estabelecem no ciberespaço se tornam mais complexas e aprofundadas, permeando e trespassando o domínio do real e do virtual e intermediando os modos de perceber o mundo, indivíduos e grupos sociais.

O advento e popularização da Internet possibilitaram a criação de ambientes de sociabilidade virtual coletivos que subverteram os parâmetros da comunicação à distância, inaugurando uma era em que os contatos interpessoais podem ser travados em tempo real, de qualquer lugar, virtualmente. O Orkut é um desses ambientes. Projetado em 2004 por um engenheiro do Google, Orkut Büyükkökten, para se tornar uma rede social de relacionamentos¹, o site tomou proporções inesperadas. Possui atualmente cerca de setenta milhões de perfis cadastrados, desses, algo em torno de 55% são brasileiros², e a estimativa é que a cada dia pelo menos mais um milhão de novos usuários sejam cadastrados. O site comporta, entre fotos, imagens, textos e vídeos publicados em perfis e comunidades, narrativas visuais e textuais de indivíduos e grupos sociais, que se identificam e se auto-representam das mais variadas maneiras, com os mais variados artifícios, de acordo com seus interesses. A interface do Orkut possibilita, com as ferramentas oferecidas em seu sistema, a construção de ciberidentidades, formuladas a partir da concordância, ou não, com as identidades *offline*, estabelecendo complexos embates entre o real e o virtual, entre a vida *online* e *offline*, entre realidade e ficção.

As comunidades do Orkut, assim como os perfis pessoais dos usuários são os meios de sociabilização que o sistema oferece, e comportam imagens, vídeos, textos e diálogos formulados pela interação dos usuários no espaço virtual. As narrativas visuais e textuais publicadas no Orkut, tanto em perfis pessoais quanto nas comunidades acabam por se configurar como representações sociais, constituídas e expressas por normas, instituições, imagens e discursos. Entendidas como construções histórico-sociais que carregam em si discursos ideológicos com sentidos explícitos e implícitos, as representações têm o poder de assegurar a permanência de certas versões de realidade, fundamentando um olhar sobre o mundo e moldando a percepção e a compreensão dos indivíduos sobre grupos e fenômenos sociais.

A construção e sedimentação das representações é fortemente influenciada pelos discursos presentes nas esferas social, política e cultural. Ao serem coletivamente internalizadas e naturalizadas, as representações acabam não sendo contestadas, e afastam a possibilidade de questionamento ou mesmo de reflexão sobre sua veracidade, verossimilhança, credibilidade ou intencionalidade. Assim, a força das representações está justamente no poder de criar regimes de verdade e, a partir daí, na capacidade que têm de circular e se estabelecer oficialmente, reconhecidas e legitimadas. Ou seja, as representações, e as narrativas construídas a partir destas, são capazes de apresentar realidades historicamente constituídas, trazendo discursos que vão permear a subjetividade dos indivíduos e, quem sabe, se fixar.

O fenômeno da travestilidade³ na sociedade brasileira é pontuado pela significativa presença de transformistas, travestis e transexuais, nas calçadas noturnas das cidades, mas também, e com grande ênfase, nos meios de comunicação. Em 1960, as travestis eram atração de espetáculos e casas de show. Entre 1980 e 1990, programas de televisão de grande audiência em rede nacional tinham a participação constante de travestis, e nas últimas décadas a representação de travestis na mídia tem sido recorrente, com a presença de personagens *trans* em filmes, telenovelas e seriados de televisão, além da participação de travestis em programas de auditório entre outros produtos culturais. E “é a partir dessas travestis que se expõem, seja na rua, seja no palco, que a sociedade mais abrangente toma contato e lida com o fenômeno. E é particularmente a partir do contato na rua que a travesti penetra no cotidiano da sociedade” (Silva, 2007, p. 29).

Seres bizarros, exóticos, performáticos, aberrações urbanas, corpos-fetichê reificados pelo sexo, homens desavergonhados ou perversos. As travestis permeiam a esfera da cultura e do cotidiano com uma imagem estigmatizada e “degenerada” pela sua sexualidade discordante da heteronormativa – ou seja, que está fora das regras que normatizam a heterossexualidade como modelo inteligível e coerente do sexo, do gênero e do desejo, construções discursivas e simbólicas que estabelecem, regulam e naturalizam as performances identitárias de gênero – e pela visualidade ambígua e artificial de um feminino construído a partir do masculino, desconstruído para ser reconstruído com aparatos, artifícios e elementos simbólicos e materiais convencionados femininos. Entre a imagem espetacularizada e marginalizada, são inúmeras as designações predispostas por discursos

preconceituosos, generalizados e generalizantes, constituídos a partir da naturalização de normas sexuais e de gênero binárias e normalizadoras para um grupo plural, complexo e heterogêneo em suas formulações simbólicas,.

As discussões sobre sexualidade e questões de gênero são bastante pontuadas pela força das representações e das versões de realidade que se instituem, formuladas a partir da visão heteronormativa. O modo como essa visão de mundo dialoga com a diferença, com identidades não-normativas e indivíduos dissidentes das sexualidades e práticas sexuais socialmente aceitas e “recomendas”, se dá numa disputa assimétrica de correlação de forças entre quem narra e quem é narrado, sobretudo quando essa discordância é visível ou explícita, como na experiência de transformação de gênero das travestis e transexuais, acabando por estabelecer regiões conflitantes e espaços delimitados para sua permanência, e restringindo, muitas vezes, sua existência e representação à marginalidade – como se este fosse o espaço natural, ou o único possível, para sua existência “pervertida” – e sua representação ao estereótipo.

Tendo em vista que as representações dominantes e que circulam nos espaços oficiais são construídas a partir de discursos hegemônicos, torna-se importante investigar em que sentido, espaços alternativos para circulação de representações e narrativas construídas, então, desde o ângulo do outro – leia-se, das minorias⁴, e nesse caso, especificamente, das minorias sexuais – surgem como formas de contar outras versões de realidade. Nesse aspecto, o Orkut se apresenta como um desses espaços não-oficiais para circulação de representações e narrativas, e do mesmo modo, as narrativas visuais e textuais, compostas por fotos, imagens, vídeos, depoimentos, descrições de perfis e diálogos, publicadas pelas travestis no Orkut se configuram como auto-representações, constituídas por elementos discursivos que podem tanto romper como reiterar o discurso dominante e a hegemonia heteronormativa. Assim, as narrativas contadas desde outros lugares podem se apresentar como uma possibilidade de construção e difusão de discursos emancipatórios, capazes de desestabilizar e, quem sabe, desnaturalizar a lógica dominante, pois,

Quando os sujeitos narram a si próprios, eles falam de suas experiências historicamente constituídas desde o lugar que ocupam, e são essas histórias que produzem uma identidade particular, diferente, não subsumida na identidade essencialista do sujeito da modernidade. (Costa, p. 112)

Com distintas abordagens, há cerca de 750 comunidades com temática *trans* no Orkut, chegando a somar mais de seis mil usuários cadastrados, entre *t-lovers*, *t-gatas*, *t-girls*, *crossdressers*, travestis, transexuais, *gays*, lésbicas, curiosos, perfis *fakes*, simpatizantes, militantes políticos de movimentos GLBTT e pesquisadores acadêmicos⁶. Essas comunidades se tornam espaços de integração e interação social, com objetivos que vão desde aumentar a rede de amigos, manter contatos profissionais, estabelecer relacionamentos afetivos, anunciar shows performáticos, até marcar encontros sexuais ou programas de prostituição.

Ao eleger o espaço virtual como campo de trabalho, considerando sua relevância e múltiplas possibilidades, esse estudo se propõe a realizar uma etnografia virtual⁵ para investigar a auto-representação das travestis no Orkut, buscando averiguar em que sentido as narrativas visuais e textuais atuam enquanto discurso. Assim, ao investigar a auto-representação das travestis no Orkut – considerando este, um espaço alternativo, não-oficial, para a circulação de representações –, suas narrativas visuais e textuais, a etnografia, como abordagem de investigação científica, é a metodologia fundamental de investigação da pesquisa, sendo as formas do fazer etnográfico redesignadas às características e especificidades que configuram o espaço virtual, adequando as técnicas de observação, participação, interpretação e integração nos processos sociais estudados, de acordo com a realidade do trabalho de campo, para obter dados que compreendam as estruturas de significação, a partir da perspectiva e dos objetivos da pesquisa. Dessa forma, esse texto apenas situa as bases teóricas para a investigação e imersão em campo, que é a próxima fase desse estudo.

Imbricações com a cultura visual

Vinculada ao olhar e ao que denominamos como práticas da visualidade, a cultura visual compreende um amplo campo de estudos que têm emergido da confluência de diferentes disciplinas, sobretudo, dos estudos culturais, estudos de gênero, sociologia e arte. Assim, a cultura visual se ocupa das imagens, considerando o seu contexto cultural e social, mas também dos aparatos, artefatos e suportes técnicos que conformam as tecnologias visuais para ser olhado, olhar ou facilitar a visão, desde a pintura até a televisão ou Internet (Hernandez, 2005, p.15). Desse modo, a cultura visual busca investigar e compreender as

visualidades e os processos de visualização, a partir de imagens de diferentes procedências e funções sociais, com diferentes perspectivas teóricas e metodológicas.

Contudo, como assinala Fernando Hernandez (2005, p.28), é preciso recordar que uma imagem pode configurar-se, para o campo da cultura visual, como lugar de resistência, reação e legitimação para audiências específicas, podendo ter efeitos cruciais na produção e reprodução das visões sobre a diferença social, ao interagir com o contexto social de quem olha. E é dessa forma, que as novas imagens, assim como os novos espaços de produção e circulação das representações visuais, e as tecnologias digitais, têm se apresentado como um campo de interesse e investigação.

As representações sociais, constituídas por normas e instituições e expressas por códigos verbais e visuais, são construções histórico-sociais que têm o poder de assegurar a permanência de certas versões de realidade, fundamentando um olhar sobre o mundo e moldando a percepção e a compreensão dos indivíduos sobre grupos e fenômenos sociais. Assim, “a representação envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão” (Pesavento, 2003, p.40), produzindo significados através dos quais podemos dar sentido às nossas experiências individuais e coletivas. Pensando nas representações, e em suas múltiplas configurações, como discursos construídos por diferentes grupos sociais, hegemônicos e contra-hegemônicos, podemos considerar que algumas se difundem e se fixam de uma maneira dominante, constituindo-se como modelos, e acabando por refletir as relações de poder nos olhares assimétricos que determinam as formas de perceber e conceber o mundo. E é desse modo que as representações, em suas mais diferentes formulações, constituem um campo de interesse da cultura visual.

Para Eagleton (2005, p. 16), “uma das mais destacadas conquistas da teoria cultural foi estabelecer o gênero e a sexualidade como legítimos objetos de estudo, como questões de persistente importância política”. A partir da década de 1980, um interesse geral das ciências, provocado pelo advento da epidemia de HIV/ Aids, colocou em evidência as “novas” dinâmicas sexuais, dando visibilidade à homossexualidade e um lugar cativo na fronteira entre os gêneros e as sexualidades legítimas. Travestis, transexuais, *drag kings* e *queens*, *gays*, lésbicas, bissexuais, intersexuais entre outras tantas identidades e sexualidades possíveis, são localizados nessa fronteira, endereçados por dinâmicas e condutas sexuais, corporais e discursivas dissidentes da lógica dominante, e os estudos culturais, sob a perspectiva dos

estudos feministas e pós-estruturalistas, acabaram por desenvolver teorias e novas abordagens para tratar de gênero e sexualidade.

A invenção dos gêneros e as sexualidades em trânsito

A década de 1960 inaugurou um novo cenário social no ocidente. Novas perspectivas foram lançadas com olhares diferenciados sobre a cultura, em seu mais amplo espectro de significados e práticas que movem e constituem a vida cotidiana. O feminismo sublevou-se nesse contexto impulsionando uma diversidade de movimentos contra-hegemônicos e estratégias discursivas provindas das minorias, instaurando novos paradigmas sociais e culturais, e inaugurando também novas problematizações políticas e teóricas, sobretudo no âmbito das ciências humanas. O conceito de gênero, como a mais forte e incontestável formulação do feminismo, já na sua, assim denominada “segunda onda”, foi desenvolvido a partir do fluxo de novas teorias, que tiveram na afirmação “*não se nasce mulher, torna-se mulher*” de Simone de Beauvoir (1949), um de seus pontos seminais para que se discutisse e fosse colocado em xeque o sexo essencializado pelo corpo, assim como as argumentações científicas da distinção sexual que determinavam a superioridade masculina por suas características sexuais “positivas”, em detrimento das características femininas dadas como negativas, naturalizando a desigualdade social.

As novas dinâmicas, tanto nas relações sociais quanto na elaboração teórica sobre o social, refletiram as grandes transformações e deslocamentos culturais e identitários que vinham sendo encadeados por práticas discursivas e ações demonstrativas que desafiavam a lógica dominante e as falas oficiais: começa-se a discutir a sexualidade, o feminino e o masculino, o corpo e as diferentes relações que se imprimem, fora da ordem heteronormativa, ou seja, fora das regras que normatizam a heterossexualidade como modelo inteligível e coerente do sexo, do gênero e do desejo, construções discursivas e simbólicas que estabelecem, regulam e naturalizam as performances de gênero e sexualidade.

Como nos aponta Benedetti (2005), é a partir da formulação e do uso do conceito de gênero que a antropologia e as ciências sociais passaram a explorar e conquistar novos temas e objetos, buscando novas interpretações sobre as diferenças entre o masculino e o feminino, em contraposição aos discursos biologizantes que legitimaram o binarismo sexual baseado nas características físicas e anatômicas do corpo. O conceito de gênero tem, assim, um

caráter fundamentalmente social, e se formula enquanto discurso com uma nova linguagem, que “serve como ferramenta analítica e é, ao mesmo tempo, ferramenta política” (Louro, 1997, p.21).

Nesse contexto, a teoria *queer* emergiu como descendência teórica dos estudos feministas e pós-estruturalistas, abordando problematizações mais gerais em relação ao gênero e sexualidade, ultrapassando as oposições masculino/ feminino, homossexual/ heterossexual ao levantar questões sobre as práticas sexuais e sexualidades não-normativas, reavaliando e criticando políticas de identidade normalizadoras e binárias, que se estabelecem na coerência e continuidade entre sexo/ corpo, gênero, práticas, desejo. (Butler, 2003). Os estudos *queer* criticam e colocam em xeque, as relações de poder que se estabelecem a partir dos processos de incorporação das identidades binárias e da naturalização dos gêneros e da sexualidade genitalizada, reprodutiva e heterossexual, assim como toda uma rede discursiva normalizante e patologizante para as práticas sexuais, sexualidades e identidades tidas como “desviantes”. Dessa forma, os estudos *queer* objetivam desnaturalizar a identidade de gênero e a heteronormatividade, para legitimar a pluralização das sexualidades (Pino, 2007). Assim, o termo *queer* é utilizado para abranger e descrever desde estudos mais tradicionais sobre gays e lésbicas, ou até mesmo para auto-identificação dos sujeitos de sexualidades “transgressoras”, para estudar as práticas sexuais tidas como subversivas, o fenômeno dos intersexos, transexuais, travestis e os processos sociais que produzem os discursos, numa rede de significação que reconhece, aceita ou rejeita, naturaliza ou estranha as identidades, agrupando e cruzando categorias sociais e culturais, como etnia, classe, gênero, passando a configurar uma nova perspectiva para os estudos de gênero e sexualidade, sendo também para esse estudo um referencial teórico fundamental.

Para Butler (2003), o gênero é entendido como identidade-chave para a construção da significação dos sujeitos, é o fator determinante para sua qualificação para a vida no interior da inteligibilidade cultural. É a partir da designação do sexo e da assimilação do gênero que o indivíduo vai guiar sua vida e sua relação com o mundo. Desse modo, as representações do feminino e do masculino são determinadas principalmente pelo o que estes têm de aparente, pela sua visualidade, corporalidade e performances. Da mesma forma são formuladas as representações das travestis, com a diferença de que em suas representações já estão imbuídas a “incoerência” e ambigüidade do corpo/ sexo e gênero, e tudo que isso significa

num contexto regido e narrado pela lógica heteronormativa. E essa é a lógica que faz parte das práticas discursivas construtoras de significados e de representações, e de uma rede de relações de poder⁶ que se estabelecem por meio de produções de realidades que são pautadas pelas representações e pelas narrativas. Ou seja, é um jogo entre quem narra e quem é narrado.

Para concluir, ainda uma introdução...

A partir da perspectiva dos estudos culturais e da cultura visual, esse estudo pretende investigar a auto-representação das travestis no Orkut, buscando averiguar em que sentido a construção da auto-imagem, por meio de narrativas visuais e textuais, atua enquanto discurso e interfere como meio de inte(g)ração social e cultural. Com relação à visualidade das travestis, a proposta é investigar seus elementos constitutivos, com foco, sobretudo, no corpo e na reconstrução corporal como eixo determinante de sua visualidade.

Pensando nas representações culturais como meio de narrar o outro, e, ainda, pensando nesse outro como as minorias, entende-se que as representações podem se constituir de modo assimétrico, reproduzindo e naturalizando discursos hegemônicos previamente articulados. Assim, a questão-chave desta pesquisa implica em averiguar em que sentido a auto-representação e as narrativas das travestis publicadas no Orkut se apresentam como possibilidade de construção de novos discursos que fujam à lógica hegemônica heteronormativa, ou apenas reafirmam o discurso dominante e sua “tolerância” em relação às sexualidades desviantes, apresentando a marginalidade como único lugar possível para sua existência. A título de conclusão, é importante frisar que este estudo é ainda embrionário. Assim, muitas das categorias relevantes para que se possa obter resultados consideráveis ainda estão por vir. Busquei com esse texto apenas situar o campo da investigação, assim como alguns caminhos e referências. Somente em campo será realmente possível perceber como as dinâmicas de representação e auto-representação se estabelecem, e o que realmente importa e significa nessas dinâmicas.

¹A sistematização do Orkut foi baseada na teoria dos seis graus de separação, a qual pressupõe que uma pessoa pode estar ligada a qualquer outra por uma rede de até seis amigos intermediários, por isso o famoso slogan “*Who do you know?*”. A teoria pôde ser comprovada, entre outros, também por meio das redes de relacionamento *online*, como o Myspace da News Corporation, Facebook, e o próprio Orkut.

²Fonte: site do Orkut. Dados demográficos a respeito dos usuários do Orkut não são confiáveis, pois muitos mentem a idade, sexo, nacionalidade e outros dados ao se cadastrar. Há ainda os usuários que possuem mais de um perfil, pois o sistema do Orkut permite um número máximo de mil amigos adicionados por membro, esse é um dos motivos para que haja mais de um perfil para

um mesmo usuário, que também pode criar diferentes perfis e se identificar como outras pessoas, da maneira que desejar. A propósito do título desse texto, a pergunta, *Quem sou eu* aparece na página principal de cada perfil do Orkut, justamente como uma forma de identificação para outros membros.

³Adotei o termo travestilidade ou invés de travestismo para distanciar a discussão das teorias patologizantes dos “ismos”. Da mesma forma, adoto o substantivo travestis como pertencente ao gênero gramatical feminino, concordando com autores que o fazem em respeito às reivindicações dos movimentos organizados de travestis e transexuais como meio de valorizar, material e subjetivamente, o processo de construção do feminino.

⁴A idéia de minoria reporta imediatamente a argumentos quantitativos, no entanto, as minorias representam, num regime de democracia clássica, a voz qualitativa de diversas modalidades de atores sociais nas lutas contra-hegemônicas. Nesse sentido, Muniz Sodré (2005), nos aponta que as minorias representam fluxos de mudanças, impulsionam a transformação objetivando a redução do poder hegemônico. O autor pontua ainda que as minorias se caracterizam, entre outros, pela sua vulnerabilidade jurídico-social diante da legitimidade institucional e das políticas públicas, e pelas estratégias discursivas que, nas tecnodemocracias ocidentais, têm na mídia um de seus mais importantes territórios de luta.

⁵ Os primeiros estudos etnográficos na Internet são recentes, apareceram na última década, e já afloraram entre debates e desavenças a respeito da metodologia. Os antropólogos Daniel Miller e Don Slater, por exemplo, questionam e problematizam as relações e distinções entre os ambientes *online* e *offline*, apontando para a necessidade de se incluir pesquisas *on* e *off* em estudos etnográficos (2004). Há estudiosos que se dedicam especificamente aos desafios metodológicos que enfrentam as pesquisas etnográficas que têm o ambiente virtual como parte essencial de seu objeto de estudo ou de seu campo de trabalho (ver Christine Hine, 2000).

⁶Ao falar em poder e nas relações de controle que se estabelecem, Foucault (1976) nos aponta que não há um único foco de poder, pois o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis. O poder é uma situação estratégica e complexa que provém de todos os lugares, não está centralizado numa única instituição ou numa única fala oficial, está em todos os lugares e se produz a cada instante entre todos os tipos de relações, de um ponto a outro. Assim, o que há é uma linha de força geral tensionada que constrói alinhamentos homogêneos, com pontos de força ligados entre si, criando grandes dominações de efeito hegemônico sustentado continuamente pela intensidade de todo tipo de afrontamento. Portanto, o que institui as minorias, sexuais, étnicas, culturais, sociais não é uma relação binária entre dominados e dominante, mas focos locais de poder que se inter-relacionam e se costumam numa única linha de força, que vem sendo tecida e firmada historicamente por narrativas, representações e versões de realidades.

Referências bibliográficas

BENEDETTI, Marcos. **Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro, Garamond, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo. e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2003.

COSTA, Marisa Vorraber. **Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural de identidade**. In: Caminhos Investigativos II. Editora DP&A, 2002

EAGLETON, Terry. **A política da amnésia**. In: Depois da Teoria – Um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, pp. 13-39.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos Estudos Culturais, uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1985

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 1997.

HINE, C. **Virtual Ethnography**. Londres: Sage Publications, 2000

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PELÚCIO, Larissa M. **Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS.** 2007, 313 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade de São Carlos, São Paulo, 2007.

PINO, Nádía Perez. **A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos.** Cad. Pagu , Campinas, n. 28, 2007 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 Abr 2008. doi: 10.1590/S0104-83332007000100008

SILVA, Hélio. **Travestis: entre o espelho e a rua.** Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SODRÉ, Muniz. **Por um conceito de minoria.** In: Comunicação e cultura das minorias. (Org). Alexandre Barbalho e Raquel Paiva. São Paulo: Paulus, 2005.

Currículos resumidos:

Aline Soares Lima é mestranda em Cultura Visual pela Faculdade de Artes, bolsista pela CAPES. Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Goiás, Atualmente, é professora substituta na Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, UFG.

Rosana Horio Monteiro Bacharel em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Puccamp), Mestre e Doutora em Política Científica e Tecnológica, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora do Programa de Pós-graduação em Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da UFG.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.